

Uma Experiência Participativa*

MARIA DE POMPÉIA DE FIGUEIREDO E SILVA**

RESUMO

A experiência foi vivenciada pelos alunos das 3^{as} fases A e B do Curso de Pedagogia da UDESC, durante o primeiro semestre letivo do corrente ano, através da disciplina Didática. Reflete a mesma, uma nova abordagem de ensino, onde os alunos, numa atuação independente da ação diretiva do professor, organizaram o programa da Disciplina. Os resultados foram obtidos através do contato com a comunidade educativa, analisando o que de fato era realizado através da disciplina Didática, como atuavam os professores e quais as suas perspectivas. A sala de aula passou a ser palco de discussões e reflexões sobre os estudos realizados e o professor, apenas, um colaborador dessas discussões e reflexões. Como conclusão os professores responsáveis pela experiência, consideraram que o ensino da Didática precisa ser revisto, merecendo ser analisado nas suas dimensões humana, técnica e político-social.

Insatisfeitos com as estratégias de ensino que vínhamos desenvolvendo no Curso de Pedagogia da UDESC, (Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina) com a disciplina Didática, eu e outro colega iniciamos, preliminarmente, uma etapa de discussão.

Nesta etapa ou momento, refletimos sobre "o que", até então, estávamos abordando, a sua validade frente à realidade educativa que nossos alunos futuramente iriam encontrar, e destarte, estavam encontrando, nas aulas que recebiam na Universidade.

* Esta experiência foi realizada pelos professores Maria de Pompéia de Figueiredo e Silva e Édio Chagas que, desde 1966, lecionam Didática na Faculdade de Educação da UDESC, no período noturno. A experiência relatada foi vivenciada pelo 3^o A e 3^o B do Curso de Pedagogia.

** Professora do Centro de Ciências da Educação (Departamento de Metodologia de Ensino) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dessas discussões reflexivas, concluímos que não só as nossas abordagens sobre o conteúdo que lecionávamos deveriam ser modificadas, mas também o nosso programa. Surgiu-nos a idéia de que essa mudança, tão necessária, pelo menos assim a sentíamos, deveria partir não de nós, mas proposta pelos nossos alunos. Como, porém? "Bola-mos" uma idéia que poderia ser aceita ou rejeitada pelos próprios alunos.

Nesta idéia os alunos, a partir do postulado que a "Didática visa capacitar o educador a agir de forma eficiente em situação de ensino-aprendizagem", deveriam propor um programa de Didática.

No momento em que redigimos o postulado fomos "assaltados" pelo questionamento, nós estaríamos sendo diretivos ao propor algo?

Como começar a se desligar de um modelo que durante algum tempo tinha sido defendido e utilizado por nós?

Fizemos, então, o que passo a descrever.

No primeiro dia de aula, em contato com os alunos, relatamos nossas insatisfações. Naturalmente, como se tratava de 2 (duas) turmas onde atuávamos separadamente, cada um de nós agiu de acordo com a sua forma de ser.

Entretanto, como nas horas de reflexão e discussão vimos que as respostas que nos eram dadas em muito se assemelhavam, achei conveniente que o relato aqui transcrito retrate a nossa experiência, muito embora pequenos elementos diferenciadores tenham existido.

Voltando ao segundo momento, foi interessante notar a aceitação, quase que imediata, de nossos alunos trabalharem em cima do postulado que comunicamos.

Passaram, a partir daí, a levantar em grupo a opinião que tinham, principalmente a respeito da "forma eficiente de agir do professor em situação de ensino-aprendizagem."

A comunicação dessas opiniões foi feita em grande grupo e registrada no quadro.

Daí é que sentimos como, na realidade, o nosso aluno de Pedagogia via um professor. O que eles esperavam dele e como desejariam ser.

Essas opiniões eram comentadas pelos grupos, questionadas e selecionadas aquelas consideradas válidas para uma abordagem programática.

Obtivemos, assim, opiniões como as que seguem: "conhecer a matéria, gostar da profissão, aceitar a igualdade aluno/professor, ser

amigo e enérgico, valorizar as idéias dos alunos, dar liberdade e incentivar a criatividade, saber quando e como intervir em cada aula”, além de outras.

Nota-se aí, o nível de expectativa que o aluno universitário tem na figura do professor.

Nossa meta (organizar um programa de Didática) não tinha sido alcançada, apenas iniciávamos um novo processo metodológico.

Voltamos, eu e meu colega, a discutir os resultados alcançados e concluímos que se o nosso interesse era o real, o nosso aluno deveria, também, ter um contato com essa realidade.

Sabíamos que contávamos com um grupo de alunos, onde 20% trabalhava 8 (oito) horas por dia e que dificilmente poderia atuar diretamente com a comunidade educativa.

Foi discutida uma nova modalidade de trabalho para se chegar ao Programa de Didática. Nessa modalidade, ficou decidido que cada grupo, o mesmo que havia levantado as opiniões, organizaria roteiros de entrevista para serem aplicados a especialistas e professores, além de levantarem alguma bibliografia pertinente à disciplina.

Convém salientar que os roteiros das entrevistas não sofreram nenhuma influência dos professores e cada grupo teve autonomia para questionar o que considerava relevante, a fim de obter as informações desejadas. Nós, apenas, éramos solicitados nos grupos para dar algum esclarecimento ou tirar alguma dúvida.

Neste momento, começamos a sentir um clima de inquietação e angústia emanado dos grupos. Alunos mais críticos questionavam a validade do trabalho e desejavam a direção do mesmo pelo professor. Outros acreditavam no que faziam. Deixamos que os alunos decidissem e o trabalho continuou.

Com os roteiros prontos, os grupos se dispersaram e entrevistaram professores e especialistas que atuavam em diferentes níveis de ensino tais como: da rede estadual, da própria Faculdade de Educação (UDESC) e professores de Didática, Prática de Ensino e Estágios do Centro de Ciências da Educação da UFSC.

Nesta parte da experiência, os alunos sentiram, também, o ceticismo de alguns professores em relação à experiência. A crença de outros, e o que nos surpreendeu nos relatos que trouxeram ao grande grupo, foi a omissão ou melhor a negação de alguns professores em responderem o que os alunos pretendiam, alegando falta de tempo.

As respostas das entrevistas foram analisadas não pelos grupos que organizaram os roteiros, mas por novos grupos formados por 1 (um elemento de cada grupo de origem. Essa idéia de integração dos grupos facilitou a meta do trabalho.

Nesta fase, houve muita discussão entre os elementos dos grupos, que a partir de todos os resultados obtidos (opiniões, levantamento bibliográfico e respostas das entrevistas) esquematizaram a sua primeira proposta de programa.

Com as propostas elaboradas, houve o retorno dos alunos aos grupos de origem que organizaram o programa do grupo.

A minha turma, o 3º B, apresentou 6 (seis) propostas de programas e a outra turma, o 3º A, apresentou 5 (cinco) propostas.

O passo seguinte foi a transformação de todas as propostas numa única que passou a ser a de cada turma.

Para se chegar a este consenso, cada grupo apresentou aos demais colegas o programa que tinha organizado, comentando-o e dando tempo para ser questionado.

Ao final das apresentações, onde todos receberam os modelos de cada grupo, um aluno, indicado pelo grupo, coordenou a tarefa da organização do programa da turma. Foi para o quadro e começou a registrar o que o grande grupo considerava válido, o que eles desejavam “aprender” em Didática.

Nesta etapa, a nossa figura de professor era igual a de qualquer aluno do grupo, isto é, tecíamos comentários e questionávamos, sem entretanto, interferirmos no modelo de Programa que tomava forma.

Os programas obtidos na 3ª A e 3ª B foram os seguintes:

Proposição da 3ª fase A

1ª Unidade

1. Introdução

1.1. Conceito

1.2. Objetivos

1.3. Processo ensino-aprendizagem

2ª Unidade

2. Formação do Educador

2.1. Preparo psicológico

Proposição da 3ª fase B

1ª Unidade

— Didática

1.1. Conceito

1.2. Histórico

1.3. Conceito de educação, ensino-aprendizagem

2ª Unidade

— Planejamento

2.1. Conceito

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 2.2. Comunicação | 2.2. Tipos e características |
| 2.3. Interação em sala de aula | 2.3. Influências (sociais, políticas e econômicas) |
| 2.4. Postura do professor | |
| 2.5. Ética profissional | |
| 3ª Unidade | 3ª Unidade |
| 3. Planejamento de Ensino | — Objetivos |
| 3.1. Tipos | 3.1. Classificação |
| 3.2. Elementos | 3.2. Redação |
| | 3.3. Validade |
| 4ª Unidade | 4ª Unidade |
| 4. Objetivos | — Conteúdo |
| 4.1. Gerais | 4.1. Seleção e características |
| 4.2. Específicos | |
| 5ª Unidade | 5ª Unidade |
| 5. Estratégias de Ensino | — Métodos, técnicas e recursos |
| 5.1. Métodos | 5.1. Classificação |
| 5.2. Recursos e Diagramação | 5.2. Características |
| 5.3. Técnicas | 5.3. Utilização e Validade |
| 5.3.1. Aplicabilidade e Treinamento | |
| 6ª Unidade | 6ª Unidade |
| 6. Avaliação | — Comunicação |
| 6.1. Objetivos | 6.1. Função |
| 6.2. Formas | 6.2. Domínio da Linguagem |
| 6.3. Instrumentos | |
| 6.4. Aplicabilidade | |
| | 7ª Unidade |
| | — Avaliação |
| | 7.1. Conceito |
| | 7.2. Tipos (afetivo, cognitivo, psicomotor) |
| | 7.3. Formas (Diagnóstica, formativa e somativa) |
| | 7.4. Tipos de provas |
| | 7.5. Auto-avaliação. |

Na última etapa desta experiência, as duas turmas, A e B, foram reunidas a fim de que determinassem o programa de Didática, que seria adotado pelo Curso de Pedagogia.

Foi um momento delirante, organizaram cartazes com o rol dos conteúdos e um aluno, representando cada turma, comentou o que desejava que fosse abordado, embora muitas vezes se embaralhasse um pouco quando era questionado sobre a abordagem programática. Nestas ocasiões, intervínhamos apenas para lembrá-los da dificuldade que teriam, considerando a falta de um embasamento teórico.

Para facilitar o consenso, pelo menos, assim o achamos, comentamos os dois programas (cada professor o da sua turma) em termos específicos do conteúdo programático, para clarificar aos alunos a decisão por um único programa. Neste momento, fomos questionados, algumas dúvidas que persistiam foram sanadas e obtivemos o programa final.

Programa dos Alunos
(Organizado pelos alunos das 3^{as}
A e B do Curso de Pedagogia)

1. Didática
 - 1.1. Conceito
 - 1.2. Objetivos e Evolução
 - 1.3. Processo ensino-aprendizagem
2. Processo da Comunicação
 - 2.1. Função (elementos)
 - 2.2. Interação em sala de aula
 - 2.3. Postura do professor como comunicador (ética, habilidades, preparo)
3. Planejamento de Ensino
 - 3.1. Tipos e Características
 - 3.2. Influências (sociais, políticas e econômicas)
4. Objetivos
 - 4.1. ClassificaçãoRedação
Validade

Programa do Professor
(Didática I e II)

- OBJETIVO DA DISCIPLINA**
Elaborar, analisar e criticar
Planejamentos de Ensino, em
situação de ensino-aprendiza-
gem.
- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**
1. Conceito de Ensino, Aprendi-
zagem e Didática
 - 1.1. Didática-conceito
 - 1.2. Tendências atuais: o en-
sino e a aprendizagem
 2. A Comunicação e a Interação
na sala de aula
 - 2.1. Habilidades do profes-
sor, o professor como
comunicador
 - 2.2. Funções da Comunicação
na instrução
 - 2.3. Interação na sala de aula,
conceito, tipos de habili-

5. Estratégias de Ensino
 - 5.1. Técnicas e recursos
 - 5.2. Características, aplicabilidade e validade
6. Conteúdo e Cronologia
 - 6.1. Seleção e características
7. Avaliação da Aprendizagem
 - 7.1. Conceito e objetivos
 - 7.2. Formas
 - 7.3. Instrumentos
 - 7.4. Características, aplicabilidade e validade
3. Planejamento de Ensino
 - 3.1. Conceito e características
 - 3.2. Planejamento Educacional e de Ensino
 - 3.3. Modelos alternativos
4. Objetivos Educacionais e Instrucionais
 - 4.1. Objetivos Educacionais abrangência, formulação
 - 4.2. Objetivos Instrucionais formulação de acordo com Mager, Gronlund e Bloom
5. Formas, instrumentos de avaliação e "Feedback"
 - 5.1. O processo de avaliação conceitos básicos, características e etapas.
 - 5.2. Modalidades de avaliação e "Feedback"
 - 5.3. Instrumentos de medida-organização de fichas, questões objetivas e dissertativas.
6. Técnicas de Ensino individualizado — pressupostos teóricos, objetivos, principais técnicas.

Parece-nos, ao lermos o rol dos conteúdos apresentados, que pouco ou nenhuma diferença significativa se encontra entre o programa que vínhamos utilizando e o programa proposto pelos alunos. É notória a influência do atual sistema educacional sobre a experiência vivenciada pelos alunos o que, de certa forma, pode ou não surpreender.

Surprenderia, talvez, se a nova postura adotada por professores, que defendem uma abordagem política da Didática, tivesse influenciado a relação de conteúdos a serem trabalhados.

Entretanto, independente dessa ou daquela influência, vimos que algo novo surgiu, ou seja, a necessidade de se questionar a validade de cada elemento que compõe um Planejamento de Ensino e, como decorrência, a validade do próprio Planejamento.

Neste ponto da experiência, eu e meu colega tínhamos lido a coletânea de palestras sobre a *Didática em Questão*, organizada pela professora Vera Candau, e vimos, até com certa satisfação, que as indagações, acerca do ensino dessa disciplina, não eram apenas nossas⁽¹⁾.

Nenhuma alternativa fora colocada como certa pelos autores, apenas concluíram que o ensino da Didática teria que ser mudado, não podendo ter somente uma abordagem tecnicista ou apenas política como alguns propõem. Mas considerando que o objeto do estudo da Didática é o processo ensino-aprendizagem, parece óbvio que o mesmo tenha que ser analisado nas dimensões humana, técnica e político-social.

Finalizando, informo que a nossa experiência ainda não terminou, e que talvez o seu ponto culminante esteja retido nas alternativas de trabalho que discutiremos com os nossos alunos.

Nós estamos satisfeitos, embora muita coisa tenha que ser melhorada, principalmente, em nós mesmos.

(1) — CANDAU, Vera. *A Didática em Questão*. Petrópolis, Vozes, 1984.

RESUMEN

El experimento ha sido realizado con los alumnos del tercer semestre A y B del Curso de Pedagogía de la UDESC (Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina), durante el primer semestre del corriente año, a través de la disciplina de Didáctica. El experimento refleja un nuevo enfoque de la enseñanza en que los alumnos, en una actuación independiente de la acción directiva del profesor, organizaron el programa de la asignatura. Dos resultados han sido obtenidos a través del contacto con la comunidad educativa analizando lo que de hecho se realizaba a través de la asignatura Didáctica, como actuaban los profesores y cuales eran sus perspectivas. La sala de clase pasó a ser el escenario de discusiones y estudios realizados y el profesor sólo un colaborador de esas discusiones y reflexiones. Como conclusión los profesores responsables por la experiencia consideraron que la enseñanza de Didáctica necesita ser revisto y debe ser analizado en sus dimensiones humana, técnica y político-social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVITE, M^o M. Capelo. *Didática e psicologia. Critica ao psicologismo na educação*, São Paulo, Loyola, 1981.
2. CANDAU, Vera. *A Didática em questão*, Petrópolis, Vozes, 1984.
3. Crawford, P. C. e Bradshaw, H. L. Perception of characteristics of effective university-teachers. Ascending analysis. *Educational and psychological measurement*, 28 (2), 1968.
4. *Educação e Seleção*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Jan./jun. (9), 1984.